

10

Evelina Serpa

Devidamente credenciados, Evelina e Ernesto, após ligeiro trajeto pelas ruas da cidade que se lhes figurou encantadora, alcançaram o Instituto de Proteção Espiritual.

Acolhidos carinhosamente pelo Instrutor Ribas, dedicado à clínica psiquiátrica, no departamento assistencial que lhe dizia respeito, sentiam-se tão à vontade, do ponto de vista do habitual, como se estivessem visitando moderno consultório terrestre. Em tudo, simplicidade, conforto, segurança. Atendentes à vista. Fichários. Aparelhos diversos para registro do pensamento.

Depois das apresentações, o instrutor médico entrou no assunto:

— Estamos informados de que se ficharão aqui em nosso gabinete e podemos começar por nossa irmã.

Ato contínuo, acenou para um funcionário a quem nomeou por Irmão Telmo, e, obedecido pelo auxiliar, designou Ernesto a ele, anunciando:

— Ficarão juntos, enquanto ouço a irmã Evelina...

E para Fantini, bem impressionado:

— Nada tema. Toda conversação em nosso Instituto está subordinada ao encorajamento e à saúde. Nada de pensamentos negativos. Tão logo termine o entendimento inicial com a nossa amiga, teremos nosso encontro.

Revestia-se aquele quadro íntimo de tamanha espon-

taneidade, que os dois recém-chegados não conseguiram atinar com a verdadeira situação.

Estariam no Mundo Espiritual ou na Terra mesmo, na Terra que lhes era familiar, em algum sítio desconhecido, onde se lhes falava do *espírito libertado* com alguma finalidade terapêutica? — pensavam os dois. E chegavam quase a admitir que talvez tivessem estado loucos, achando-se agora em recuperação.

Acalentando semelhantes dúvidas, Evelina acompanhou, dócilmente, o médico, e, chegados a uma sala, mobilada com distinção e singeleza, assentou-se na poltrona que ele lhe indicou, explicando, atencioso:

— Esteja tranqüila. Nosso Instituto se consagra à proteção e ao tratamento de seus tutelados. Primeiro, a cobertura socorrista, depois, o reajustamento, se necessário. Em razão disso, teremos tão-só um entendimento fraternal. Nada de cerimônias. Conversaremos simplesmente e todos os seus informes serão gravados para estudos posteriores. A bem dizer, funciono aqui quase que apenas na condição de introdutor dos clientes, de vez que os nossos analisados possuem vasta coleção de amigos na retaguarda, amigos que lhes examinarão as palavras e reações, de modo a saber em que sentido e até que ponto lhes prestarão o auxílio de que se mostrem carecedores.

Diante de Evelina admirada, a um gesto do mentor grande espelho se fez visível, junto à poltrona, dando a ideia de que a peça fora ligada ao sistema elétrico, por disposições especiais.

— Nossa palestra será filmada. Simples recurso para que os seus contactos com a nossa casa sejam seguidos com segurança, no capítulo da assistência de que não prescindirá em seus primeiros tempos de vida espiritual. Tranquillize-se, compreendendo, porém, que todas as suas perguntas e respostas se revestem da maior importância para seu benefício. Por suas indagações, a autoridade do Instituto identificará a sua posição no

conhecimento e, por suas respostas, saberá o montante de suas necessidades. Conversemos.

Perante aquele olhar, brando e enérgico ao mesmo tempo, reconheceu-se Evelina qual criança de letras primárias, ante examinador experiente, e, concluindo que não lhe seria lícito recusar a prova, perguntou com respeitosa coragem:

— Instrutor Ribas, conquanto o senhor tenha feito referências a meus «*primeiros tempos de vida espiritual*», é verdade que somos Espíritos desencarnados, pessoas que não mais habitam a Terra?

— Perfeitamente, embora a irmã não consiga ainda certificar-se disso.

— Porque semelhante inadaptação?

— Falta de preparo na vida física. De modo geral, a sua posição de surpresa é comum à maioria das criaturas terrestres, em virtude da ausência de integração real com as experiências religiosas a que se afeiçoam.

— Se estamos efetivamente *mortos*, acredita o senhor que eu, na condição de católica, devo apresentar ou deveria apresentar um índice mais completo de comunhão com a verdade espiritual que não estou conseguindo entender?

— Claramente.

— Como assim?

— Se a irmã, durante a sua existência no corpo denso, pensasse firmemente nos ensinamentos de Jesus, o Divino Mestre que se reergueu do túmulo para a demonstração da vida eterna, se meditasse na essência dos ofícios religiosos de sua fé, todos eles dirigidos a Deus e, depois de Deus, aos mortos sublimes, como sejam Nosso Senhor Jesus-Cristo, sua Augusta Mãe e aos Espíritos heróicos que veneramos por santos da vida cristã, decerto não experimentaria o assombro que, até agora, lhe insensibiliza os centros de força, apesar da elevação e da delicadeza de suas aspirações.

Viu-se Evelina, de repente, transportada pelas moléculas mágicas da imaginação, ao seu velho templo religioso... Recordou as preces, os cânticos, as novenas e os rituais litúrgicos de que partilhara, como se unicamente ali, naquele gabinete de análise espiritual, pudesse penetrar-lhes o sentido. Como não se inclinara a interpretá-los, antes, por invocações ao Mundo Espiritual? como não lhes percebera, até aquela hora, a função de canais de comunicação com as Forças Divinas?...

Em pensamento, aspirava a rever-se em São Paulo, caminhar para o recinto de sua devoção religiosa e saudar na própria crença o ponto mais alto da vida, aquele, através do qual, lograva entregar-se à proteção do Todo-Misericordioso, com as suas dores e alegrias, aflições e ânsias mais íntimas... Lembrou-se de Jesus, fôsse nas esculturas ou nos painéis, nas pregações e conversações, como sendo um Espírito Divino a bater-lhe, debalde, às portas do coração, tentando ensinar-lhe a viver e a compreender...

E, ao refletir no Mestre de paciência infinita, a cuja magnanimidade recorria em todas as dificuldades e tribulações, sem se dar ao trabalho de perquirir-lhe as lições e acompanhar-lhe os exemplos, entrou em crise de lágrimas, qual se a fé cristã, excelsa e piedosa, se lhe transfigurasse em juiz nos recessos da alma, exprobrando-lhe o comportamento.

— Oh! meu Deus!... — inferia em pranto — porque precisei *morrer* para compreender? porquê, Senhor? porquê?!...

Ali comparecia para retratar-se moralmente, falar de si própria, prestar contas; entretanto, que trazia na própria bagagem senão o vazio de uma existência que lhe parecia então inútil? Tinha a ideia de que as trancas mentais que a isolavam das realidades eternas se haviam rompido, de chofre, na leveza de pensamento que passara a desfrutar, e aquele Jesus que adorara por

fora lhe ganhava agora a intimidade do coração e lhe perguntava com infinita doçura: «Evelina, que fizeste de mim?»

A senhora Serpa, algo descontrolada, chorou convulsivamente diante do Instrutor que a seguia, paternal.

O generoso amigo deixou que ela mesma estancasse a fonte das lágrimas e, ao vê-la asserenar-se, falou, comovido:

— A depressão momentânea lhe faz bem. A dor moral nos mede a noção de responsabilidade. Seu sofrimento de espírito, ao recordar-se do Senhor Jesus, evidência a sua confiança nele.

Em tom mais afetuoso, o Instrutor imprimiu novos rumos à análise em andamento, participando à jovem senhora que, praticamente, a sua ficha de identificação estava pronta, de vez que, antes de sua vinda, o estabelecimento de saúde, através do qual ingressara na cidade, fora consultado sobre a sua procedência e filiação na Terra.

Ainda assim, acrescentou:

— O seu depoimento aqui, porém, será valioso, porquanto, de posse dele, estaremos mais amplamente informados quanto à nossa tarefa de auxílio.

— Posso saber que auxílio será esse?

— Sim, por seus apontamentos, ser-nos-á possível aquilatar o tipo de amparo que lhe será ministrado.

— Entretanto, Instrutor, não serei conhecida no Mundo Espiritual? não temos, acaso, todos nós, guardas na existência terrestre?

— Perfeitamente. E todos aqueles que nos conhecem possuem determinada versão de nossas experiências para uso deles próprios. Em nossos estudos, todavia, a sua versão pessoal é muito importante, considerando-se que as suas anotações autobiográficas se lhe jorrarão da própria consciência. Há que promovermos um auto-

-encontro, no plano das realidades da alma, para o balanço preciso de nossas necessidades imediatas. Certamente, em outros lugares, a irmã comparecerá nas citações de muitos companheiros, retratada nas impressões que lhes terá causado; no entanto, em nosso instituto, recolheremos a sua projeção individual, intransferível.

Logo após, ante a expectativa da cliente espantada, o benfeitor solicitou-lhe rememorasse, de viva voz, alguns traços da própria história, a começar das reminiscências mais antigas. Que evitasse um relatório exaustivo e sim procurasse sumariar notícias e lembranças, tanto quanto possível.

A senhora Serpa narrou, humilde:

— Minhas memórias principiam, confusamente, ao perder meu pai. Era uma criança tenra, quando escutei os gritos de minha mãe, agarrando-se a mim, a dizer-me que eu estava órfã... Pouco tempo decorrido, minha mãe deu-me um padrasto bom e amigo. Realizado o segundo matrimônio, ela e meu segundo pai resolveram abandonar a região em que morávamos, decerto no intuito de fugir a recordações indesejáveis. Apesar da ternura do homem que passara a chefiar nossa casa, sentia falta instintiva de meu pai; entretanto, a respeito dele, as notícias foram para mim sempre escassas. Acerca do seu falecimento, nada mais pude colher de minha mãe, em matéria de esclarecimento, senão que ele morrera de modo repentino, quando se achava num passeio... Mais crescida, compreendi que ela reprimia comentários, em torno do pretérito, esquivando-se a conflitos possíveis com o marido que, seja dito em louvor da verdade, lhe dedica, até hoje, enternecido afeto... Aos doze anos de idade, fui internada num educandário católico, no qual me diplomei para o magistério, sem exercê-lo em tempo algum, porque, desde o baile de formatura, me vi sequestrada por dois rapazes, ao mesmo

tempo, Túlio Mancini e Caio Serpa. Confesso que, muito moça e muito irresponsável ainda, deixei que o meu coração balançasse, entre os dois, prometendo fidelidade a ambos, simultaneamente. Quando admiti minha escolha definitiva na pessoa de Caio, que veio a ser meu esposo, Túlio tentou o suicídio e, ao vê-lo salvo, pensei no sacrifício a que se dera por minha causa e, de novo, me inclinei para ele... Quando me dispunha a requisitar de meu noivo a exoneração de qualquer compromisso, Túlio matou-se com um tiro no coração... Depois da terrível ocorrência, casei-me... Caio e eu fomos felizes, por alguns meses, até que vimos frustrado o anseio de possuir um filhinho... Abortei, logo ao engravidar-me. Em seguida, caí em deperecimento orgânico progressivo. Talvez em virtude da enfermidade que me acometeu sem pausa, Caio procurou nova companheira, uma jovem solteira, com quem passou a conviver, simulando vida conjugal na cidade grande... A vexatória situação em que me achei passou a me arrasar. As humilhações incessantes a que me vi esposta, dentro de casa, amargaram-me a existência... desde então, nada mais tenho a confessar senão sofrimento moral e desânimo de viver, com a enfermidade de que me vejo em tratamento até hoje...

O Instrutor fitou-a, comovido, e perguntou:

— A irmã chegou a desculpar o esposo infiel e a compadecer-se da rival?

A senhora Serpa refletiu alguns momentos e intercalou com amargura:

— De modo nenhum. Estou numa confissão em que tomo a Jesus por minha testemunha e não posso mentir. Nunca pude perdoar a meu marido pela deslealdade com que me afronta e nem tolerar a presença da *outra* em nosso caminho.

O benfeitor, longe de alterar-se, interpôs, afetuoso:

— Compreendemos os seus sentimentos humanos e podemos encerrar a sessão de hoje. A irmã tem pro-

blemas difíceis a enfrentar e o nosso Instituto verificará até que ponto conseguirá propiciar-lhe a devida cobertura. Permaneceremos em contacto e prosseguiremos conversando em futuras reuniões.

Evelina retirou-se, sendo substituída por Fantini, cujo exame ia começar.

